



Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

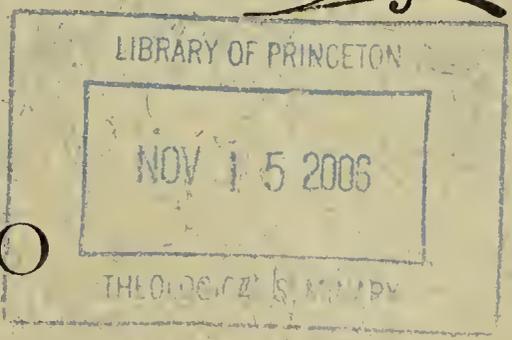
<https://archive.org/details/revistainternaci3271unse>

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)



SUMÁRIO

Agora é a hora do Espiritismo	<i>Redação</i>
Concordância e Discordância	<i>Deolindo Amorim</i>
Deus e Universo	<i>Henrique Rodrigues</i>
Ciência ou Espiritismo ?	<i>Prof. Carlos Peppe</i>
A Transfiguração de Jesus	<i>Bianôr Medeiros</i>
Memórias de um Espírita Baiano	<i>Leopoldo Machado</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>



O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitui o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.\$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina-1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação e suas provas
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
História de Catarina
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Alma Exilada
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantis:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✕ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

Agora é a hora do Espiritismo



OMO todos os espíritas devem saber, e até as próprias religiões que o combatem tenazmente, o Espiritismo está agora em marcha acelerada, sobretudo no Brasil que, segundo o Espírito esclarecido de Humberto de Campos, é a

«Pátria do Evangelho e o coração do mundo».

Uma das razões principais dessa marcha acelerada do Espiritismo em todos os meios sociais, da humilde choupana ao soberbo palácio, do rústico trabalhador ao sábio de renome, do soldado ao general, reside nos fenômenos espíritas, que sempre se reproduziram em todas as épocas da humanidade e que até há pouco tempo eram tidos como fantasmas do outro mundo, não sendo investigadas e estudadas as suas causas por absoluta ignorância, mas que agora, graças ao advento do Espiritismo, estão sendo estudados à luz da razão, da lógica, da Verdade.

Desse estudo investigador sob as mais rigorosas experiências, levadas a cabo por cientistas de projeção e renome, em primeiro lugar Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita, chegou-se à realidade, à causa, à razão dos fenômenos psíquicos : a imortalidade da alma, motivo da vida, do Universo e prova da existência de Deus, supremo

criador de todas as cousas. E dai também o motivo da religião, da ciência e da filosofia, condutores da alma na senda do aperfeiçoamento espiritual, moral e intelectual.

Do estudo dos fenômenos psíquicos, sua razão e finalidade, é que compreendemos a vida em seu amplo sentido, passando a senti-la com mais intensidade e harmonia, compenetrados do que precisamos fazer para atingirmos o seu objetivo : a Perfeição.

Porisso, o estudo do Espiritismo é-nos indispensável para bem orientarmos os nossos passos, as nossas ações na vida. E' à sua luz que compreendemos e sentimos o Cristianismo em sua pureza e magnitude.

Estudado no seu tríplice aspecto de Ciência, Religião e Filosofia, e poderosamente fortalecido pelos fenômenos psíquicos, que são o fato contra o qual se esboroam a ciência materialista, a filosofia materialista, e a religião materialista alicerçada no dogma e culto exterior, o Espiritismo vai conquistando para a sua fileira todos os homens independentes, que sabem raciocinar e que põem acima de tudo a verdade, cientes de que devem pensar com a sua própria cabeça e não com a cabeça de segundos e terceiros que, em geral, buscam os seus próprios interesses materiais e pessoais. E quem procura os seus interesses pou-

co se importa com os interesses dos seus semelhantes.

Dai o motivo do notável progresso do Espiritismo, que vem assombrando os dignatários da Igreja romana, que chegaram ao ponto de destacar um dos seus subordinados para arrazar o Espiritismo, o que até agora não conseguiu e jamais conseguirá, porque quem manda não é o homem, mas Deus, que conhece a inferioridade das suas criaturas.

O que as arcáicas e falidas religiões mundanas não puderam fazer em benefício da humanidade durante séculos a granel, o Espiritismo já realizou em menos de um século, conduzindo ao sun-

tuoso templo da Verdade todos aqueles que tiveram a ventura de aceitá-lo de coração e cérebro, e continuará a conduzir almas a esse templo até que se cumpra a predição de Jesus, segundo a qual haverá um só rebanho e um só pastor.

Saindo da sua marcha lenta e cheia de obstáculos postos no seu caminho pelo materialismo acadêmico e de seminário, pode-se afirmar que o Espiritismo está agora em marcha acelerada levando de roldão todos aqueles que procuram deter-lhe os passos.

Agora é a hora do Espiritismo.

Concordância e Discordância

(A propósito do livro «Fulguraciones del Pensamiento Espiritista», de William Colon).

IV — DEUS E A RELIGIÃO

Entende William Colon que a idéia de Deus, segundo o Espiritismo, deve ser posta inteiramente à margem de qualquer preocupação religiosa. Não penso assim. Tenho para mim que *É TÃO DIFÍCIL ADMITIR RELIGIÃO SEM DEUS, como DEUS SEM RELIGIÃO.* Os positivistas, como se sabe, adotam a *Religião da Humanidade*, isto é, uma religião que não cuida de Deus nem da imortalidade da alma após a morte, porque se consagra exclusivamente ao Amor da Humanidade. Apesar disto, o Positivismo tem *Igreja, Culto, Apostolado*... Nada disso, porém, nos moldes de qualquer religião baseada em valores de além túmulo. Em lugar de *santos*, o Positivismo rende culto aos grandes vultos de seu calendário: Aristóteles, Cezar, Bichat, etc., etc. Seja como fôr, o Positivismo *divinisou* a mulher, na pessoa de Clotilde. Embora repelindo fundamentalmente o *sobrenatural*, e por *sobrenatural* os positivistas entendem Deus, a alma, etc., o certo é que o Positivismo também apela para o abstrato ou *sobrenatural* quando elege a Humanidade como objeto de culto. O conceito de Humanidade como expressão de culto religioso tem alguma coisa de metafísico, de universal e indefinido, pois representa um valor transcendental. Note-se bem

que os positivistas, apesar de seus grandes e altos princípios morais, apesar de sua notável influência na evolução de alguns acontecimentos históricos no Ocidente, estão reduzidos, atualmente, aos núcleos de adeptos que ainda se conservam fiéis ao passado. É um movimento respeitável, sob todos os pontos de vista. Convém notar, entretanto, que a instituição da *Religião da Humanidade* separou os positivistas em dois grandes grupos: o de Litré, que não aceitou a concepção *religiosa* de Augusto Comte, o grande e inconfundível fundador do Positivismo, e o grupo de Lafite, que concordou com o culto da Humanidade, personificado em Clotilde. Dividiram-se os positivistas entre ortodoxos e dissidentes. Nem todos os discípulos de Comte rezam pela cartilha do Apostolado Positivista. No Brasil, por exemplo, onde o Positivismo teve grande influência, notadamente na fase de preparação e consolidação do regime republicano, houve divisão entre os discípulos da escola comteana, justamente porque nem todos os adeptos de Comte concordaram com a criação da *Religião da Humanidade*, mesmo sem Deus...

Veja-se o que escreveu, no Brasil, um dos mais ilustres discípulos de Comte: *Nós, os livres discípulos de Augusto Comte, estamos convencidos de que o remédio para os males apontados se en-*

contra na Sociologia positivista, à parte todo misticismo religioso. Mas também estamos certos de que a obra do grande filósofo é humana e não divina; e por isso, seria rematada loucura supô-la infalível e, portanto, imutável. Por êste motivo, exatamente, alguns positivistas brasileiros se separaram de Teixeira Mendes, Chefe do Apostolado, sem que ninguém jamais pudesse pôr em dúvida a nobreza moral dêsse grande homem, a quem um católico eminente chegou a chamar de santo. Diz o mesmo Autor: *Temos, pois, que distinguir entre Augusto Comte sábio e filósofo, e Augusto Comte místico, inventor de uma nova religião.* (Sic) Quem escreveu estas palavras — note-se bem — foi o general Ximeno de Villeroy, em seu livro «Benjamin Constant e a política republicana» — Rio, 1928. O general Ximeno Villeroy, positivista convicto, pertencia àquella geração histórica da Praia Vermelha, justamente a geração que recebeu influência direta de Benjamin Constant, quando se preparou a mocidade militar para o movimento republicano vitorioso em 1889. Apesar de fiel discípulo de Comte, o general Villeroy não acompanhou o seu mestre no caminho da nova religião, e por isso ficou entre os *dissidentes* do Apostolado Positivista.

Como se vê, os positivistas chamados *ortodoxos* queriam, na realidade, uma religião sem Deus, enquanto o nosso Confrade William Colon quer Deus sem religião. Nenhuma das duas fórmulas parece viável. Diz William Colon: *Se estudais e analisais o nosso conceito de Deus, assim como nossa tese da evolução do Universo e do Espírito na eternidade, aos influxos das leis naturais e imutáveis, das quais Deus é a força essencial e organizadora, podereis dar-vos conta de que o personagem das religiões conhecido sob o nome de Divindade é um simples mito; então estareis de acordo em que não exageramos ao afirmar que o pobre desgraçado ser humano tem sido imolado no altar da ignorância e da mentira, sendo a religião a causa principal de sua escravidão, de sua miséria e sua dor.* Examinemos o pensamento de nosso Confrade, e vejamos se é possível harmonizá-lo com a doutrina espírita.

Em primeiro lugar, torna-se

indispensável distinguir Religião e religiões, porque a Religião, em si, naquele sentido profundo e substancial de religar o homem a Deus, segundo a doutrina espírita, não se confunde com as disputas religiosas e os dogmas absurdos com que algumas religiões, infelizmente, têm tripudiado sobre a ignorância humana;

em segundo lugar, é preciso esclarecer, quanto antes, que o Espiritismo tem uma concepção de Deus muito diferente do que é comum em determinadas religiões e seitas, cujos ensinamentos fazem de Deus uma espécie de patriarca ou dominador absoluto com todas as características antropomórficas.

Já vimos que o confrade Colon não admite a existência de *um Deus criador*, porque esta concepção lhe parece incoerente. No entanto, agora mesmo estamos vendo o confrade Colon afirmar que Deus é a *força essencial e organizadora*, conceito que importa em reconhecer a ação divina em todos os planos do Universo. Se portanto, há uma força essencial e organizadora, como diz Colon, no que estamos de acordo, e essa força é capaz de *organizar* o Universo, claro é que é inteligente, mas a *organização* não pode deixar de partir de um princípio, de uma realidade inicial, de alguma coisa criada. Só se organiza aquilo que já existe. Então, fica de pé a doutrina espírita quando afirma que Deus é a *causa primária* de todas as coisas. Para isto não é necessário, em hipótese alguma, aceitar uma representação de Deus personalizado ou em forma de homem, enfim, *um Deus*, inteiramente materializado. Sabe muito bem o confrade Colon que é impossível definir Deus: seja com o nome de *inteligência criadora*, seja com o de *força essencial e organizadora* ou *luz universal, primeiro motor*, como queria a escola de Aristóteles, seja com êste ou aquêlê nome, Deus é uma realidade que não pode ser definida com exatidão, pois toda definição, ain-

da que seja das mais amplas, tende a limitar aquilo que se define, dando-lhe uma forma qualquer. Deus não tem forma definida.

Se, em conclusão, o confrade Colon reprova o misticismo e a incultura de certas coletividades religiosas, que fazem de Deus um rei absoluto, o que é realmente um contrasenso, a doutrina espírita, entretanto, nada tem que ver com isto. O que o Espiritismo ensina a respeito de Deus é o que nos parece mais lógico, mais compatível com a razão esclarecida. Vamos entrar, agora, no ponto mais sensível das impugnações de nosso confrade, cuja opinião deve ser respeitada, embora esteja a suscitar esclarecimentos e reparos indispensáveis. Diz William Colon, categoricamente, que *devemos extirpar de nossa mente a idéia religiosa de Deus*. E será possível separar Deus da ideia religiosa? Ora, Deus e Religião, queira ou não queira o nosso confrade, são dois conceitos que se associam naturalmente. É verdade que a idéia de Deus também nos leva ao terreno filosófico, justamente porque sem Deus não temos uma explicação da própria origem do Universo e da Vida. Há determinados problemas filosóficos, como a *consciência*, o *instinto*, o *livre arbítrio* etc. cuja discussão transcende o âmbito da fé e, por isso mesmo, são problemas vinculados à concepção de Deus. Estou de acôrdo em que Deus não é apenas, para nós, simples assunto de crença, mas igualmente um tema filosófico, e dos mais altos. E' claro que todos nós podemos chegar á compreensão de Deus pela Filosofia, desde que admitamos uma causa eficiente, uma *inteligência suprema e ordenadora*; todavia, a especulação filosófica é conhecimento puro, ao passo que a crença em Deus tem implicações normativas. Toda crença em Deus tem, portanto, algum fundo religioso. Negar êste ponto é querer desconhecer a realidade. Espiritismo não é, realmente, uma doutrina destituida de conteúdo religioso, uma vez que toda a sua filosofia se apôia na existência de Deus.

Dai, porém, não se deve pretender que o Espiritismo seja obrigado a ter um ritual próprio ou instituir qualquer forma de culto material. Não! Toda pessoa que crê em Deus e que a êle se submete, conscientemente, é religiosa, no

sentido subjetivo e não — convém frisar — no sentido vulgar. Há pessoas que são religiosas, intimamente, porque procuram viver em harmonia com as leis divinas, são honestas, praticam o bem, cultivam virtudes, mas não fazem parte de nenhuma igreja ou culto organizado, não se filiam a qualquer corrente religiosa. Ora, o Espiritismo ensina justamente a compreensão de Deus e a necessidade das atitudes dignas, porque o homem realmente religioso, o homem que crê em Deus tem obrigação moral de ser honesto, de ser útil ao próximo. Para isto, porém, não há necessidade de introdução da liturgia ou prescrição ritualística no Espiritismo, porque tudo isto é exterior, é formal e transitório, ao passo que o essencial no homem é a sua transformação interior. Finalmente, a questão levantada pelo confrade William Colon deve ser posta nos seguintes termos:

- a) — o homem verdadeiramente religioso, segundo a conceituação espírita, não é o que se ajoelha hipócritamente, o falso crente, que toma atitudes públicas, para efeito exterior, mas a sua consciência está em completo desacordo com a moralidade e a elevação espiritual do sentimento religioso;
- b) — o homem religioso, ainda que não pertença a êste ou aquêle culto ou sistema, a esta ou aquela *religião*, é o homem sincero, é o homem que, em razão de sua crença em Deus, procura ser melhor, de dia para dia, e procura portanto, enquadrar todos os atos de sua vida no padrão moral mais condizente com as leis divinas.

Ora, o Espiritismo quer, naturalmente, homens dignos, homens decentes tanto em casa, como na vida profissional e na vida social, porque todas as consequências da doutrina espírita pressupõem, sem qualquer dúvida ou sofisma, a *REFORMA MORAL DO HOMEM*. Quem o diz é Allan Kardec, nestas judiciosas palavras: *Conhece-se o verdadeiro espírita pela sua transforma-*

ção moral. A reforma moral, porém, não pode deixar de ter o seu fundamento na certeza da vida futura e justiça de Deus. Que é isto, finalmente, se não o aspecto religioso do Espiritismo, sem culto material, sem sacerdote, sem pretensões de infalibilidade, sem preceitos canônicos?

E' precisamente isto o que está na obra de Allan Kardec. Não vejo, portanto, como já disse, contradição alguma. Como pode, então, o confrade Colon, segundo a sua teoria, conciliar a idéia de Deus com a ausência absoluta de qualquer sentido religioso?

Quero, finalmente, encerrar este ponto com as seguintes ponderações ao confrade William Colon:

a) — o culto a Deus, isto é, o *culto íntimo ou interior*, que é ato de consciência (veja-se «Lei de Adoração», no *Livro dos Espíritos*) pode muito bem ser praticado sem ritual e sem fórmulas

pré-estabelecidas, mesmo porque Deus deve ser adorado em «espírito e verdade»;

b) — em decorrência disto, podemos concluir que o confrade Colon deveria dizer, neste caso, e com acêrto, que devemos extirpar, gradativamente, da mente humana, a ideia de *culto material*, a ideia de Deus antropomórfico, com um cêtro e uma corôa, como se fôra o chefe de um Império mundano;

c) — MAS fique certo de que a ideia de Deus, no fôro da consciência, é inseparável do sentimento religioso.

(Continua)

DEOLINDO AMORIM.

DEUS E UNIVERSO

HENRIQUE
RODRIGUES

— II —

Qualquer um que estude as obras do Prof. Ubaldi estranhará que todas elas, d«A GRANDE SINTESE» ao livro «ASCENSÕES HUMANAS», tenham sido escritas com o professor vivendo seus transees racionais ou intuitivos, na plenitude de seu *relativo* equilíbrio físico, e dizemos relativo porque o Professor nos ensina que, «de fato, o estado orgânico perfeito é uma abstração; não existe na realidade». E ainda: «EM A NATUREZA, A PERFEIÇÃO É UMA TENDÊNCIA NUNCA ALCANÇADA». (G. S. pg. 277)

Esta segunda afirmativa confirmaria a tese da evolução progressiva, pois se «A PERFEIÇÃO É UMA TENDÊNCIA NUNCA ALCANÇADA», nem mesmo os *anjos criados* por Deus eram perfeitos e, se não eram perfeitos a culpa não era deles, mas do Seu Criador. Se eram perfeitos, mesmo com qualquer sofisma da dialética, da escolástica, ou dos recursos expositivos, negada estaria a evolução, pois, que evolução poderia ter o PERFEITO?

Mas dizíamos que o Professor escreveu seus livros anteriores sem necessitar que uma *afecção temporária do físico* lhe facultasse maiores facilidades no campo de penetração nouírica. Jamais soubemos que qualquer anormalidade do funcionamento orgânico, tão grave a ponto de produzir *vinte dias de febre*, facultasse a um sensitivo maiores possibilidade do que seu estado de saúde *relativamente normal*. Vinte dias de febre desidrata qualquer um, e as observações científicas *provam* que a excitação nervosa de tal estado, não raro, descamba para o terreno da alucinação, onde, falando agora com os ensinamentos do Professor Ubaldi, sub-e-super consciências podem mesclar o futuro e o passado. Ninguém alegue, para contestar-me, o exemplo de gênios aleijados e ainda de santos portadores de anormalidades congênitas ou adquiridas. Bem sabemos que a «vida, fechando certas facilidades no mundo físico, abre maiores possibilidades no campo do espírito». Uma coisa, porém, é um

ser já equilibrado dentro de uma incapacidade temporária ou definitiva, e outra é uma criatura repentinamente com seu equilíbrio orgânico perturbado. A resignação não surge imediatamente ao infortúnio, pois é obra que prescinde do tempo.

Se a bronquite do Professor foi igual à de outras criaturas, além da febre, êle deve ter tido inúmeros acessos de tosse, devido à inflamação dos brônquios. Não tinha, pois, o Professor tranquilidade para um estado prolongado de transe místico.

Um dos maiores cuidados da *yoga* — e isso sabemos pelos livros, pela lógica, por Mestre Sri Sevananda Swami, e pelo próprio Professor Ubaldi, como veremos adiante, é o cuidado com o físico. O indivíduo que não tenha seus pulmões, intestinos, fígado, dentes, sangue, seu corpo, enfim, limpo, não tem condições para grandes vôos no campo do espírito. Não falemos da vida mental e moral, pois sabemos das lutas do Professor, mas não conhecemos os motivos que se perdem no incognoscível.

Diz o Professor Ubaldi, livro «NOÚRES», pag. 128/129, entre outras coisas o seguinte, com vistas ao equilíbrio físico do sensitivo:

«O processo de sensibilização espiritual tem ressonâncias nos mais baixos níveis do mundo orgânico e a purificação moral, nos níveis elevados, se completa, igualmente, pela imposição de uma purificação celular, isto é, de células e tecidos, à substância orgânica.» Lógico e indiscutível!

«É um fato que, com a alimentação, introduzimos substâncias químicas em nosso organismo, substâncias que depois o constituem. Para o sensitivo, então, que tudo percebe como noures, isto é, como correntes de emanção espiritual, certas substâncias, vistas em sua mais profunda essencia, são instintivamente repelidas.» Exato!...

«Uma substância dissonante continua emitindo sua voz, sua radiação cacofônica, enquanto dela permanecerem traços no organismo», isto, porque, no dizer perfeito do Professor, «O organismo do sensitivo é uma orquestra ressonante de correntes espirituais e no concêrto nada se pode introduzir de heterogêneo, em especial o alimento, diretamente em circulação».

Com a precisão que *lhe era* peculiar o Professor reduziu o físico humano a um

conjunto vibratório, intimamente ligado ao espírito, influenciante e influenciável. (Noures pag. 126/127). As chamadas *toxinas* perturbam assim o equilíbrio fisiológico, porque o organismo é uma *orquestra ressonante* que, naturalmente, toca sua sinfonia, de acôrdo com as qualidades dos instrumentos e do maestro que tem. Tôdas tocam, no seu ponto de *relativo equilíbrio*, uma composição clássica, como a 5.^a de Tchaikovsky, ou uma rítmica batucada de morro. Em nenhuma delas pode entrar um elemento dissonante, sem que motive perturbação.

Frente a isso, é justo perguntar: Mas as toxinas que *vibratoriamente cacofonizam a orquestra sensitiva*, serão apenas originárias das alimentações? Não falemos da alimentação mental e moral, mas simplesmente da «ingestão física». O que é uma bronquite? Não é uma afecção oriunda da invasão microbiana? Que fazem os micróbios? Não eliminam toxinas? E micróbios e toxinas não são para o sensitivo e, embora não perceptíveis pelos não sensitivos, como diz o Professor, «correntes de emanção espiritual»? Essa infecção, invasão orgânica de micro-organismos, com seus anabolismos e catabolismos, como diz o Professor, *não serão fontes dissonantes emitindo sua voz, sua radiação cacofônica enquanto delas perdurarem traços no organismo?*

O que é essa cacofonia, senão um estado de perturbação? Não é esquisito, suspeito mesmo, que o Professor tivesse escrito o livro que êle e alguns pretendem como seu maior livro, justamente num estado de perturbação? Já que a evolução espiritual compreende uma concomitante evolução biológica, não será justo supôr que a íntima ligação de ambas subordinando uma a outra, poderá dar azo a uma influenciação no campo de ativismo, predominância do biológico, quando êste é o mais diretamente afetado?

Nenhum médium, místico, cientista, santo, gênio, poderá produzir suas maiores investidas, sob uma torturante dor física, porque o biológico prenderá o espiritual. Os estados de anormalidade patológica, caracterizando o ser que ainda a êles esta ligado, subordina-o a suas predominâncias.

Mas, buscaremos a prova, com o testemunho de inúmeros pensadores, médiuns e místicos de reconhecida idonei-

dade, e êles atestarão se o estado de des-harmonia física perturba ou facilita a penetração espiritual. Se o transe do Professor não pode ser submetido a comprovação experimental de seus pares, direi que o livro DEUS E UNIVERSO é uma obra de valor exclusivo para o autor e, como tal, não devia ser publicado por não poder enfrentar a crítica racional de seus semelhantes!

Antes de fechar êste aspecto, para refutar qualquer alegação de que o fenômeno mediúnico, místico, nouórico, inspirativo do Professor não é igual ao de outros, argumento com o que diz A GRANDE SÍNTESE, pag. 28:

«Muitos médiuns ouvem com um novo sentido de audição psíquica, não mais acústica; (audientes) percebem-nos e escutam com seu cérebro. Sintonia quer dizer capacidade de ressonância; espiritualmente, sintonia é chamada simpatia, isto é, capacidade de sentir em uníssono. *Seja acústicamente, tanto como elétrica ou espiritualmente, o princípio vibratório de correspondência é o mesmo, porque a lei é uma, em todos os campos.*»

Ora, se a perturbação física inibe ou dificulta a ação espiritual, e levando em conta o fenômeno de generalização, perturbado e inibido também estava o Professor. Outra coisa não quer êle dizer quando expõe na GRANDE SÍNTESE, pag. 109: «Se o sistema corresponde à verdade frente a tantos conhecidos, *deve corresponder, também com relação aos fenômenos que desconheceis ou não podeis controlar por enquanto.*» Assim, o que vale para o que vemos, vale para o que não vemos. Estabelecida está a importância do fato, do concretamente sensível aos sentidos, e podemos partir dêle para o macrocosmo e para o microcosmo, para o passado e para o futuro, para o superior e para o inferior.

Não era necessária a tese da «queda dos anjos» e do «inferno eterno» para justificar o sistema que o Professor Ubaldo chama de derrocado, qual seja, o mundo da matéria. Êsse mundo, consoante a A GRANDE SÍNTESE, consubstanciou-se em determinado nível do DESABROCHAR do pensamento divino, desabrochamento dentro da eterna evolução. Tanto isso é verdade que A GRANDE SÍNTESE diz, na pag. 69: «Do urânio ao gênio traçaremos uma linha que tem

de ser contínua». Não diz A GRANDE SÍNTESE, obra de SUA VOZ, que o gênio, por revolta, degradaria de gênio a urânio, pois, logo que perdesse a condição de consciência, impossibilitado estaria de persistir na revolta. Como explicar a individualidade do átomo de urânio, e o do primeiro elemento da escala estequiogenética, o hidrogênio? Será que mesmo as individualidades atômicas persistem na revolta, retrogradando sempre, até perder sua individualidade, como deixa claramente perceber o Professor no livro DEUS E UNIVERSO? Vejamos sua fala.

«*Embora a destruição de um espírito seja possível, a probabilidade de semelhante destruição é praticamente apenas teórica. E' verdade que o sistema é construído de maneira que possa chegar até aí, mas não está na lógica das coisas que um espírito se deixe arrastar até êsse extremo.*» Eis o que diz o DEUS E UNIVERSO, na pag. 190. Parece que o Professor diz que diz, mas não diz. Ora, o Professor diz que existe vida na pedra. (Noures pag. 252) e nas células (consciência celular). Será lícito entendermos que essa vida e essa consciência que hoje anima uma célula, uma pedra, um átomo, já foi um anjo, um gênio, um burguês, um animal, uma planta, e de revolta em revolta retrogradou ao reino mineral?

Onde se originou a tese do sistema da «queda dos anjos» ou do «inferno eterno»? A resposta nos vem dos antecedentes espirituais do Professor, emergidos durante seu estado febril, quando o atavismo das fragilidades orgânicas predominava sobre sua individualidade. Que seu passado espiritual está prêso ao catolicismo, isso é fato incontestado. Superabundam, em sua obra, os testemunhos de tal fato. Para um espírito de seu quilate, vivendo a plenitude de suas concepções, uma pedra ou um templo, católico ou de qualquer outra religião, devem ter a mesma significação, qual seja a de uma manifestação do pensamento divino. Se é justificado no involuído o processo litúrgico, como forma de sintonia vibratória com o divino, para o evoluído tal fato é vedado. Mas, qual a liturgia aceita pelo Professor? Sente êle a pureza de um templo budista? Extasia-se ante a Caaba dos Maometanos? E os profundos simbolismos totêmicos ou ritualistas de outras seitas? Poderiam fazê-lo chorar ou extasiar-

se? Não! Só os templos católicos, só as liturgias das missas e de outros simbolismos da Igreja de Roma! Citemos o Professor para abonar o que dizemos:

«Ora, em nada encontraremos tão poderosamente reconstruída, atual e presente no seu sentir mais vivido e profundo a substância espiritual dêsse momento, como no sacrifício da missa». ASCENSÕES HUMANAS, pág. 86, onde ainda diz: «Hoje, faltando a sensibilidade necessária para a percepção, para a admissão de um fato que está além da razão, como seja o da presença de Cristo na Eucaristia, não há outra via que a da fé». Sempre que alguém quer impingir um dogma apela para a limitação da razão. E' ainda do mesmo livro, pág. 145: «A paixão do Cristo e a cotidiana repetição do seu sacrifício no rito eclesiástico, não nos dizem exatamente isso?»

Os livros do Professor estão pontilhados de fatos de beatitude religiosa, como aquêle da cerimônia constante do capítulo «Paixão», em que o Professor fica abalado ao ouvir o estalido das vêrgas batendo no solo, com que a Igreja católica relembra o chicoteamento de Jesus. (Pág. 98, do livro ASCENSÕES HUMANAS). Também está êle preso à encenação, conforme consta do livro ASCENSE MÍSTICA, pág. 333, emocionado com as «Sete velas e mais sete, em duas ordens bem visíveis, que ardiam, solitárias, na basílica de Francisco». Está lá: «A sinfonia da liturgia, de luzes, de pranto, canta concorde uma lenta sonolência de morte em que se extingue a agonia da Paixão».

A lista seria imensa. Ficamos aquí. Para nós, o estado febril do Professor fez sobrevir o passado milenário dêle, passado de dogmas religiosos e visões deformadas. A GRANDE SÍNTESE é uma obra completa. A alma gerada por Deus, a Êle retorna, num ciclo imenso, cujo princípio e fim A GRANDE SÍNTESE esquematizou. Se é verdade que o assalto das trevas é constante, não está fóra de cogitações que falanges espirituais inferiores, prevalecendo-se de condições propícias, físicas e morais, contribuissem para essa obra que veio comprometer tudo o que o autor havia antes produzido.

O que mais choca, entretanto, é que o Professor possa ter escrito o que está nas páginas do capítulo «X», A TEORIA DA QUEDA DOS ANJOS, especialmente nas páginas 200/1/2/3/4/5. Mas muita

coisa ainda vai ser dita, antes que entremos no mérito do que está lá.

NOTA — Todos os grifos são meus e meus livros são da LAKE.

Esclarecendo Dúvidas

Aos que não me conhecem, apresento-me como um estudioso de qualquer trabalho espiritualista, livre, inteiramente livre de preconceitos religiosos, aceitando ou negando o que é dado como verdade, indiferente à fonte de onde promane, seja essa fonte o Buda, o Cristo, Kardec, Emmanuel, Ubaldi. Não aceito nada que não possa ser demonstrado com lógica e, se aceitei a GRANDE SÍNTESE, entre outros ensinamentos, eu o fiz por sua clareza.

Em Belo Horizonte, juntamente com o Professor Rubens Romanelli, fundamos e mantivemos, durante muito tempo, um grupo de estudos das obras de Ubaldi. A elas nos dedicamos, e a vinda do Professor Ubaldi a Belo Horizonte foi, em grande parte, obra de nosso esforço. Temos, pois, base, o que nos dá direito de opinar sobre o assunto. Particularmente, sempre procurei separar, na obra ubaldiana, o que era de Deus do que era do homem, coisa que acontece com qualquer um.

Nesta secção responderemos às tentativas de justificação do dogmático e religioso princípio da «queda dos anjos», e do «inferno eterno». Na outra, crítico o livro DEUS E UNIVERSO, para que a polêmica não me desvie dêle.

* * *

A redação da revista «Santa Aliança do Terceiro Milênio», em seu número de Maio, pág. 4, contestando o Sr. Edgar Armond, levanta a seguinte premissa:

«Mas, os grupos humanos sempre repetem a si mesmos. E grupos surgiram ao redor dos ensinamentos de Kardec que pretendiam novamente enclausurar o campo e proclamar uma nova infalibilidade».

Mas, se os grupos humanos sempre repetem a si mesmos, podemos dizer que grupos surgiram ao redor dos ensinamentos de Ubaldi procurando enclausurar o campo e proclamar um outro infalível. A definição da redação é arma de dois gumes que, cortando a infalibilidade de Kardec, corta também a de Ubaldi. Ou pretendem que Ubaldi seja o INFALÍVEL?

Todos os estudiosos dos ensinamentos de

Ubaldi, à saciedade, sabem que o livro «História de um homem» não é evidentemente a história da vida de Professor Ubaldi. Contém o livro ensinamentos preciosos, mas tem bôa dose de fantasias e contradições, o que corrobora a falibilidade do Professor. O livro tem, logo no início, a seguinte dedicatória:

«Ao meu filho, morto pela pátria».

Êle poderia dedicar o livro ao filho, nada de mais, e qualquer pai amoroso dedicará ao seu filho não um livro, mas uma vida. O que não é compreensível a um espírito do quilate de Ubaldi, com os seus conhecimentos, é o arremate... «morto pela pátria».

Morto? mas o Professor não ensina que a morte não existe? É um sensitivo, como êle, não tem possibilidade da sintonia nouírica com o filho, que continua tão vivo como antes?

Pela pátria? Que pátria? A Itália? Mas a pátria do cristão é o universo, consoante o que prega o autor. O espírito não tem pátria!...

Morto pela pátria? Ninguém morre pela pátria, morre, ou melhor, desencarna, luta e sofre, pela lei kármica de causa e efeito, de determinismo e livre arbítrio. Por que essa exaltação ao sacrifício do filho? Quanta gente vai à guerra e não morre? Quanta gente morre sem ir à guerra? Se a pátria é o bem estar de um núcleo da coletividade, quase todo mundo morre pela pátria, pois o trabalho individual, na guerra, na paz, no campo, na oficina, é uma forma de morrer pela pátria. Cada um morre de um jeito, mas todos morrem primeiramente por si, e num sentido mais vago, morre pela pátria.

Se existe fanatismo por Kardec, não é menos verdade que existe outro tanto com relação a Ubaldi. Muita gente abonou a afirmação de Clóvis Tavares, contida no livro «Vida de Pietro Ubaldi», de que o Professor «era a maior presença espiritual na Terra». Para tal conclusão, indispensável seria o exame de todos os seres que vivem na face do planeta, julgá-los não se sabe como, pesando-os e medindo-os em seus pesos específicos. Há lógica nisso? Racionalidade e BOM SENSO?

Ninguém contesta a GRANDE SÍNTESE. Sòmente o «DEUS E UNIVERSO» suscitou polémicas, incidindo justamente contra o que diz no livro «FRAG-

MENTOS DE PENSAMENTO E PAIXÃO», pois aquêle livro é um contínuo afirmar do autor e, por não ser racional, não convence ninguém e cada vez mais se acirra, divide e conturba os espiritua- listas.

Vejamos o que diz o Professor no Livro «Fragmentos», pág. 33 e 34:

«Procurar o que une e evitar o que divide». Por que não procurou e não evitou?

«Nosso método é, pois, o de não oferecer nunca aos ávidos de polêmica a resistência de outra polêmica, isto é, o mau exemplo de luta e guerra». Quem contestar, será dogmáticamente taxado de «ávido de polêmica». Velho sistema de anatematizar, usando o argumento da força em substituição à força do argumento.

Recebi e agradeço, de Luiz Caramaschi, da cidade de Piraju, a cópia de uma carta-artigo na qual o signatário contesta os artigos do sr. Edgar Armond. Conheci o jovem Caramaschi em Belo Horizonte, quando da vinda do Professor Pietro Ubaldi ao Brasil. Guardo, como presente do Luiz, uma fotografia «Gênio e Intuição», repetidamente vista porque serve de «marca» em minha GRANDE SÍNTESE.

Toda a grande estima e agradável recordação que lhe voto não impedem que, no caso do livro DEUS E UNIVERSO, nos situemos em campos opostos.

Êste artigo está ficando grande e, assim, deixo para o próximo minhas considerações a respeito do que disse o Luiz Caramaschi. Teremos de buscar a autenticidade da fonte e, mais, das razões que lhe alicercem a indestrutibilidade.

Só porque João ou São João disse que «no princípio era o verbo», isso não quer dizer que, realmente, a coisa tenha sido assim.

Quem fala de «princípio», fala de tempo, e tempo é fenômeno de consciência, quem nô-la ensina é Ubaldi. Sem consciência, cai o fator tempo. Eternidade não é a soma do passado, presente e futuro, ainda nos ensina o mestre de Gubio; eternidade é ausência de tempo.

Quem quiser defender a infalibilidade de João, ou de São João, tem de defendêr a infalibilidade de todo o Evangelho e neste há muita coisa sem defesa, confusa. Onde o critério? Na razão? Então iremos raciocinar.

Gosto da GRANDE SÍNTESE, por-

que ela não veio falar «a voz quente da fé, mas a fria linguagem da razão». Vamos acreditar no que for lógico, deixando o resto, o que for do campo do sentimento, para que cada um viva sua ex-

periência, na intimidade e silêncio de sua individualidade.

*Rua Quimberlita, 490 —
Belo Horizonte — Minas.*

⚡ Ciência ou Espiritismo? ⚡

Prof.
CARLOS
PEPPE

O mundo espiritual constitui uma das forças da Natureza, atuando sobre o globo terrestre, incessantemente, desde a sua formação. Os pormenores, consoante a lei de evolução que preside a todos os fenômenos psico-físicos terrestres, foram calculados e previstos. Por isso, somente poderemos entender a realização espiritual na Terra, quando raciocinarmos em termos de evolução. Os fatos geológicos, biológicos e psicológicos tornam-se incompreensíveis, se nos distanciarmos da linha evolutiva que os caracteriza. O estado atual dos conhecimentos humanos, resultante de uma longa gestação, já nos permite uma pesquisa objetiva do universo, da Terra em particular e dos seres vivos (inclusive o próprio homem). A história do conhecimento humano, contada pelas diversas civilizações que já se sucederam, revela-nos bem o plano de Jesus e seus prepostos, relativo ao aprimoramento espiritual de cada um de nós. Das sombras intensas da simplicidade e da ignorância, através de inúmeras reencarnações, o espírito humano, lentamente acumulou a imensa bagagem espiritual que hoje possui. O aprendizado é lento, comparado com o relativo do tempo de que dispomos. Em cada etapa civilizadora, as interpretações do mundo espiritual e da sua ação junto aos homens têm variado muito, dependendo do grau evolutivo dos espíritos investigadores que fazem suas experiências dentro da carne. Isso caracteriza as condições espirituais da Terra, e condiciona as revelações feitas pelo plano espiritual superior, responsável pela evolução moral da humanidade. Os Espíritos acautelam seus ensinamentos com métodos e condições especiais, ao revelá-los aos homens. É necessário que eles não se percam, pois o espírito vivifica, e o resultado final do aprendi-

zado é o da libertação do homem no seio de Deus. No decorrer dos tempos, eis que surge o Espiritismo, atendendo às necessidades básicas do homem atualizado; êle tem um carácter revolucionário, sintetizando todos os conhecimentos até agora adquiridos, atento à interpretação em espírito e verdade das palavras de Jesus Cristo. No panorama atual da humanidade terrestre, o Espiritismo tomou o carácter de uma «ciência que trata da natureza, destino e origem dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal» (1). Inaugura uma fase nova de lutas redentoras na face do planêta, marcando o início da era de regeneração da humanidade. É revolucionário por enfeixar em si todos os ramos do saber, iluminando-os superiormente. Por causa disto mesmo, deve submeter-se às mais variadas verificações de que são capazes os homens. Era natural que, do antagonismo existente entre os cientistas e os religiosos, particularmente os católicos, êle fôsse lançado no ról das estravagâncias religiosas, e por isto, combatido pelas duas correntes em luta. Analisado apressadamente, escapa à compreensão do investigador, pois seus fundamentos são os de uma doutrina que abarca toda a experiência humana em um conjunto harmonioso. O seu crítico deve ser aquêle que lhe estudou as bases tão profundamente que pôde chegar a resultados verdadeiros, livres das imposições particularistas de credos e de preconceitos. A parcialidade na crítica invalida seu resultado. É comum nos inteirarmos de opiniões de cientistas sobre Espiritismo, supostas autoridades suficientes para afastá-lo das cogitações humanas. É justo acrescentarmos aqui o número daqueles que se lançam a essa tarefa inócua, movidos por preconceitos desordenados e paixões religiosas. Para nós, espiritas, as opiniões de uns e ou-

tros não têm valor absoluto. Quando Jesus ordenou a codificação do Espiritismo, Ele sabia que as necessidades dos homens e as condições da Terra garantiriam a vitória de seu estabelecimento e de sua propagação. É verdade que a resistência das religiões já constituídas, das filosofias e das ciências particulares, haveria de opor-lhe embaraço, que, por fim, seria superado. No momento histórico que atravessa, o Espiritismo já se encontra na fase de propagação, pois o seu estabelecimento garantiu-se há muito tempo. Basta consultarem-se as estatísticas referentes aos números de seus adeptos e de livros publicados pela Federação Espírita Brasileira, não contando as outras editoras e os periódicos em circulação no país. Contudo, a resistência dos cientistas e dos religiosos de todos os matizes ainda continua. Mas não demorará a ser vencida, pois o «Espiritismo se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos» (2). No Espiritismo, as partes científica e filosófica são, apenas, meios de espiritualização do homem, girando exclusivamente em torno da doutrina de Jesus, que lhes enviará, sempre, a luz norteadora de seus caminhos, ainda tão obscuros e tortuosos. Somente o Cristo pode dar uma finalidade a esses departamentos do conhecimento humano. E o Espiritismo é um conjunto de ciência e filosofia a serviço ativo de Jesus Cristo, estabelecendo-lhe a grandeza perdida nas intermináveis questiúnculas religiosas, revivendo em espírito e verdade as suas palavras esquecidas ou desvirtuadas no correr dos tempos. A ciência espírita é de novo tipo, pois tem como finalidade estudar o universo físico e suas causas imediatas, tendo em vista seu valor espiritual. Quer dizer, preocupa-se com a matéria em todos os seus graus de manifestação e transformação, de utilização e manutenção de vida, bem como com as leis que regem sua existência em todos esses aspectos; mas suas pesquisas só se realizam de acordo com a importância espiritual que tiverem. É nesse sentido que a ciência espírita se opõe à oficial, chamada materialista. Aqui neste ponto criaram os incautos um antagonismo, cujo resultado tem levado espíritas e cientistas a confusões

lamentáveis e desnecessárias. Bem entendidas as coisas, a luta entre cientistas e Espiritismo deixa de existir. Toda ciência, tanto a oficial como a espírita, tem seus limites na matéria, sendo por isso exclusivamente materialista.

«Consiste a ciência em formulações descritivas, não em explicações interpretativas das coisas. São sempre as causas secundárias aquelas que a ciência anda buscando; não são nunca as últimas causas» (3).

«Desde que se dirige aos fatos, a ciência está próxima da matéria, porque todo o fato verificado é, a princípio, um fato material» (4).

«Ciência é técnica organizada» (5).

«A ciência trata das condições gerais observadas para regular os fenômenos físicos» (6).

«Admitindo que o mundo exterior da realidade é governado por um sistema de leis, o físico elabora uma síntese de conceitos e teoremas; e esta síntese é considerada como a imagem científica do universo físico». (7)

«Nos termos do conhecido símile de Platão, estamos ainda presos em a nossa caverna, com as costas para a luz, e só a seguirmos as sombras na parede. Presentemente, a única tarefa imediata da ciência é a de estudar essas sombras, classificá-las, e explicá-las do modo mais simples possível» (8).

«Só os experimentos metódicos e cabais podem tornar inteligíveis os princípios gerais da ciência e erigi-los sobre bases seguras» (9).

«A finalidade da ciência é encarar o mundo tal qual ele se apresenta» (10).

«No começo, o Universo fez o homem; depois, o homem começou a refazer o Universo» (11).

«A ciência humana é baseada sobre o estado físico dos fenômenos» (12).

«A ciência nos deu o domínio de quase tudo o que existe à superfície da terra» (13).

«A ciência moderna conquistou seus maiores laureis, traçando a organização do Universo desde o fino elétron às maiores nuvens de galáxias» (14).

«O homem fez a ciência, e, em troca, a ciência fez o homem» (15).

«A ciência é conhecimento que busca as leis gerais relacionando certos fatos particulares» (16).

«A ciência é uma forma sistemati-

camente organizada do pensamento objetivo» (17).

«A ciência inventaria idéias em correspondência com a realidade do nosso mundo» (18).

«Ciência — mundo dos fenômenos: eis o seu objetivo; a observação e a experiência: eis os processos de atingí-lo» (19).

«Ciência é o conhecimento especializado» (20).

«Na ciência, o saber se prende à experiência e ao experimentável, sem nunca transcendê-lo» (21).

«Ciência é o conjunto de conhecimentos certos, gerais e metódicos, que se relacionam com um objeto determinado» (22).

«A ciência procura registrar todos os fatos naturais mediante a indução baseada na observação e experimentação» (23).

«Ciência — conhecimento organizado, especialmente como um campo de investigação» (24).

«A ciência só tem por inimigos aqueles que julgam a verdade inútil e indiferente e aqueles que, conservando à verdade seu valor transcendente, pretendem a ela chegar por outros caminhos fóra de crítica e da pesquisa racional» (25).

«Com a ciência tem o homem na sua mão o poder de plasmar êste mundo virtualmente à sua vontade» (26).

«Um físico teórico tenta encerrar em simples fórmulas as leis que regem o universo; procura imaginar um sistema lógico que represente a Lei e a ordem do mundo exterior» (27).

«Ciência é o conjunto de nossos conhecimentos positivos sobre os seres materiais, as forças, as formas e os números» (28).

Agora, sem prosseguirmos na citação de sábios, podemos ligar a idéia de ciência exclusivamente à matéria. Isso parecer-nos-á claro se atentarmos no facto de que, no decorrer dos tempos, Jesus tem permitido que os homens se adestrem no domínio do ambiente terrestre, oferecendo-lhes um meio adequado a êsse fim.

«A ciência lhes foi dada para seu adiantamento em todas as coisas» (29). Era preciso que o espírito se relacionasse com o meio material onde labora, aproximando-se de Deus através de sua obra. A ciência, além do mais, cria a

técnica, a grande amenizadora do trabalho. Livre das imposições rudes do labor diário, pode o homem dedicar-se mais às coisas do espírito. Em todos êsses aspectos, o Espiritismo precisava do auxílio da ciência, e foi assim que criou a ciência espírita. Mas aqui ela é norteadada por nova luz, pois a ciência, como ciência, é insuficiente para o desiderato espírita; a doutrina espírita é de carácter sintético, e um só de seus aspectos, como o científico, não revela o seu conteúdo integral. Tanto que, nas questões comezinhas de espiritualidade ela não pode opinar. Seus objetos e seus fins são exclusivamente materiais. Por causa disto, quando um cientista, como cientista, quizer opinar sobre Espiritismo, êle não o pode fazer, pois isso não é da sua competência. «As nossas ciências, malgrado seus prodigiosos progressos, não puderam dar-nos a razão de ser de certos fenômenos excepcionais, aos quais as leis até aqui conhecidas da física, da química, da fisiologia não se aplicam», (30)

Porém, se êle reunir em si conhecimentos religiosos e filosóficos, então sim, como portador de um conhecimento sintético, estará apto a julgar os fenômenos que se realizam fóra do âmbito científico.

«A ciência, pròpriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo... O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita da qualidade de sábios..... Quando as crenças espíritas se houverem vulgarizado, quando estiverem aceitas pelas massas humanas, com elas se dará o que tem acontecido a todas as idéias novas que hão encontrado oposição: os sábios se renderão à evidência». (31) Concluindo com Kardec, temos que, para os espíritas só é importante o resultado espiritual de uma pesquisa científica, e não as opiniões dos cientistas, que por sua própria profissão se tornam insuficientes para se pronunciarem sobre os fatos do espírito. Por isso, parece importante a revisão que deve ser feita em todos os escaninhos dos conhecimentos humanos, à luz da Terceira Revelação. O que deve ser procurado é a ciência nova, a filosofia nova, e as novas interpretações evangélicas. O Evangelho Segundo o Espiritismo, méta de todos os espíritas, lan-

çará a luz nos caminhos dos que se dedicarem a este mister. Até lá, seria conveniente os espíritas não se incomodarem com o que dizem os cientistas, bem como os filósofos e religiosos sectaristas a respeito de sua doutrina. O que convém é a oposição serena que lhes devem fazer, como espíritas cientistas, oferecendo-lhes conhecimentos novos, capazes de satisfazerem todos os problemas de origem e destino da humanidade.

«O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele não-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso mesmo relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. E' a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave, com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil» (32).

(1) *O que é o Espiritismo* — Allan Kardec.

(2) *O Livro dos Espíritos* — Allan Kardec.

(3) *Introdução à Ciência* — J. A. Thompson.

(4) *Para além da Ciência* — Sertilanges O. P.

(5) *O Homem e a Ciência* — L. Hogben.

(6) *A Ciência e o Mundo Moderno* — A. N. Whitehead.

(7) *Aonde vai a Ciência?* — Max Plank.

(8) *O Universo Misterioso* — J. Jeans.

(9) *História da Ciência* — Segdwick.

(10) *Mistérios da Ciência* — A. W. Haslett.

(11) *O Homem e o seu Universo* — L. Davis.

(12) *O Homem e o seu Destino* — L. du Noüy.

(13) *O Homem perante a Vida* — A. Carrel.

(14) *História da Ciência* — D. Dietz.

(15) *Os Grandes Homens da Ciência* — G. Wilson.

(16) *Panorâma Científico* — B. Russell.

(17) *Lógica e Filosofia das Ciências* — G. G. Granger.

(18) *Evolução da Física* — Einstein.

(19) *A Crise do Mundo Moderno* — P. Leonel Franca S. J.

(20) *A Base Física do Espírito* — Farias Brito.

(21) *Lógica e Dialética* — Mario Ferreira dos Santos.

(22) *Manual de Filosofia* — C. Lahr.

(23) *Dicionário de Filosofia* — W. Brugger S. J.

(24) *Dicionário de Têrmos Científicos* — C. M. Beandnell.

(25) *O Futuro da Ciência* — E. Renan.

(26) *O Romance da Física* — G. R. Harrisson.

(27) *A Evolução de um Cientista* — L. Infeld.

(28) *Novo Dicionário das Ciências* — Poir, Perrier, etc.

(29) *O Livro dos Espíritos* — Allan Kardec.

(30) *Tratado de Metapsíquica* — Ch. Richet.

(31) *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita* — A. Kardec.

(32) *O Evangelho Segundo o Espiritismo* — A. Kardec.

A doutrina espírita tem uma tarefa sumamente importante a realizar na reconstituição espiritual do mundo. Não vem, como um dogma, a impôr a crença na imortalidade do Espírito, por simples profissão de fé, nem a oferecer-se aos homens livres com os mesmos argumentos das religiões. O seu ideal é uma força dinâmica que engrandece e desperta as forças morais e espirituais do Homem, pela demonstração tangível da existência do Espírito e sua evolução criadora pelas vidas sucessivas. Vem sacudir os fundamentos da atual sociedade para a construir de novo nas bases seguras duma moral natural e nova; não vem desculpar a injustiça humana, — obra quase sempre de videirinhos e falsos individualistas; vem, numa palavra, trazer nova consciência à Humanidade, digna já dum ideal superior, como é o Espiritismo.

HUMBERTO MARIOTTI.

A Transfiguração de Jesus

BIANÔR MEDEIROS

1. — Textos : (Mateus, XVII, de 1 a 8 ; Marcos, IX, de 1 a 8 ; Lucas, IX, de 28 a 36 ; João não narra o fato).

2. — Para estudarmos e escrevermos êste trabalho, confrontámos e utilizámos, além de outros, os seguintes textos e obras :

I. — A Biblia Sagrada — Antonio Pereira de Figueiredo ;

II. — A Biblia Sagrada — Matos Soares ;

III. — A Biblia Sagrada — Otoniel Motta ;

IV. — Biblia Vulgata — Colunga-Turrado ;

V. — Novi Testamenti — Biblia Graeca et Latina — Joseph M. Bover ;

VI. — Nuevo Testamento — José Petisco ;

VII. — Holy Bible — King James Version ;

VIII. — La Saint Bible — Louis Segond ;

IX. — La Santa Biblia — Casiodoro de Reina Cipriano De Valera ;

X. — Erets Israel — Nissim Elnecape ;

XI. — Dicionário Etimológico da Lingua Portuguesa — Antenor Nascentes ;

XII. — Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes — Rosário Guérios ;

XIII. — Tratado de Ortografia da Lingua Portuguesa — Rebelo Gonçalves ;

XIV. — Regras da Ortografia Oficial — E. Alvares Cardoso ;

XV. — Dicionário Contemporâneo — Caldas Aulete — 3.ª ed. ;

XVI. — Lello Universal.

3. — Nada encontramos sobre o assunto, nem no Evangelho, de Kardec, nem nas Elucidações, de Sayão.

4. — «Seis dias depois da última lição, Jesus levou Pedro e os irmãos Tiago e João ao pico de um monte próximo e se transfigurou diante dêles. O seu corpo resplandeceu como o Sol e as suas vestes tornaram-se alvinitentes. Os iluminados espíritos de Moisés e Elias materializaram-se, reuniram-se ao grupo e conversaram com Êle. Pedro, admirado, sugeriu : Senhor, melhor seria vivermos aqui ; se quiseses faremos três tendas : uma

para ti, outra para Moisés e outra para Elias. Deus, em forma de nuvem fulgurante, envolveu-os e falou : Êste é o meu Filho muito amado : ouvi-o. Os discípulos atemorizados e desfalecidos caíram por terra, de bruços. Terminada a assembléia Jesus aproximou-se dêles, tocou-os e disse-lhes : levantai-vos e não temais. Ao despertarem Jesus já estava só. E quando desciam do monte, ordenou-lhes o Mestre : Não digais a ninguém o que se passou até que eu ressuscite dos mortos.» (Mateus, versão livre e racional, em português corrente, de Bianôr Medeiros).

5. — Estudámos, interpretámos e reconstruímos os maravilhosos fenômenos da Transfiguração e concluímos o trabalho que divulgamos, guardando fidelidade ao espírito do Evangelho, em sua pura essência. Simplificámos a forma, reduzimos construções perifrásticas, eliminámos repetições deselegantes, escolhemos e retificámos o vocabulário, traduzimos racionalmente o texto, fiéis ao pensamento do Cristianismo. Da linguagem popular, vulgar, simples, primitiva dos Evangelistas ao português corrente medeiavam dezenove séculos. A verdade não muda mas a compreensão se dilata, a fórma se renova, o estilo se aperfeiçoa, o vocabulário se enriquece, as palavras mudam de significação e as idéias se aclaram. A análise gramatical e lógica de palavra por palavra, de expressão por expressão, de sentença por sentença, de período por período, de texto por texto, a comparação de uma língua com outra língua, dilatam a compreensão para um entendimento maior dos fenômenos espirituais. Parece sacrilégio modificar a linguagem vulgar, popular e tradicional dos textos sagrados. Repugna ao espírito conservador as novas expressões da linguagem científica moderna, mas o pensamento sempre se vestiu com a roupagem da época. O principal é o pensamento, o espírito, o fundo, a idéia é não a forma que acompanha a evolução, o progresso, a marcha do tempo. Foi por isto que Jesus falou e não escreveu a sua Doutrina. Por isto, também, vestimos a Doutrina e os fenômenos do Cristianismo com a linguagem do

século vinte e esperamos a indulgência e a compreensão de todos.

6. — Há pequenas e aparentes divergências entre os Evangelistas quando narram o fato. Cada um salienta o que mais o impressiona e silencia pormenores. O testemunho humano é falho, não é completo. Mateus, Marcos e Lucas narram o acontecimento enquanto João não o faz. Para Mateus e Marcos o fato se deu seis dias e para Lucas, oito dias depois da última lição do Mestre. Mateus e Marcos não esclarecem se Jesus orou antes da Transfiguração, enquanto Lucas afirma esta circunstância que era hábito do Divino Mestre e de seus discípulos. Lucas não se refere à proibição que Jesus fez aos discípulos para que não divulgassem o acontecimento enquanto Mateus e Marcos o fazem, mas salienta que eles guardaram silêncio do sucedido. Também os Evangelistas não mencionam o nome do monte «Tabôr», conservado pela tradição Cristã. São pequenos lapsos que não deslustram a grande apoteóse espiritual.

7. — O Evangelho é uma síntese histórica, a narração abreviada e em ordem cronológica da vida, dos feitos e da Doutrina ensinada por Jesus. Não sabemos, por isto, se a Transfiguração se deu pela manhã, à tardinha ou à noite, nem o dia, nem o mês, nem o ano, nem o tempo de sua duração. O tempo e os lugares são sempre bons em si mesmos e embora tenham grande valor para o homem enquanto homem, tem pouca significação para o espírito imortal e para a Doutrina do Divino Mestre. O que realmente importa ao espírito e ao Cristianismo é a verdade, o conhecimento que retifica, a fé viva, o estilo de vida, as obras, os fatos, as realizações em sua devida oportunidade.

8. — Esta lição é o conjunto de fatos históricos e simultâneos que evidenciam o poder de Deus e a fragilidade humana, a sabedoria Divina e a ignorância do homem encarnado, as possibilidades dos espíritos superiores e as grandes limitações do insignificante verme intelectual que rasteja pela Terra. E, como encerre profundos ensinamentos aos homens sempre ignorantes e sofredores não pode ser esquecida e colocada à margem da vida espiritual moderna.

9. — Todas as lições do Divino Mestre tem o seu grande valor e comprovam a sua sublime sabedoria e o seu

imenso poder espiritual, superiores ao de todos os homens, em todos os tempos e lugares. Contudo, a Transfiguração supera a todas elas, mesmo a do Sinái e a de Pentecóstes, calando fundo na mente humana, tornando-se inesquecível. Esta lição é um conjunto de lições que esclarecem, convencem, fundamentam e comprovam não somente a autoridade de Jesus, como todos os seus ensinamentos. Fala a linguagem imponente dos fatos, impressiona, sugere, choca todas as fibras da alma, sacode e desperta, aviva e vitaliza a memória, o espírito para sempre. A Divindade desce à Terra e no Monte Tabôr o Céu e a Terra se encontram, os anjos e os homens se reúnem. Deus surge do seu Reino, materializa-se, toma forma perceptível e fala aos homens. Jesus, por instantes, abandona a sua proverbial e característica humildade que ocultava o seu imenso valor e, ali, diante de todos, se transfigura e se mostra no esplendor de sua luz, de sua glória, com todo o seu poder, com todas as suas virtudes, com toda a sua realeza espiritual. Moisés e Elias, dois em vez de um Espírito Santo, se materializam, resplandescentes, e se fazem ver e ouvir por todos, conversando com Jesus, com espontânea naturalidade.

10. — O Monte Tabôr, de 562 metros de altura, situado ao norte da Palestina, é o sitio escolhido por Jesus para a realização do grande feito espiritual. Os montes sempre tiveram preferência para os grandes acontecimentos espirituais pela sua visibilidade, pelo ambiente propício e aprazível, pela paisagem que destaca, realça, impressiona favorável e vivamente todos os assistentes. Jesus sua sangue e é encorajado por um anjo no monte das Oliveiras, na véspera da hora suprema e é crucificado no Gólgota dos Judeus ou no Calvário dos Romanos. Moisés recebe o Decálogo no monte Sinái. A Arca de Noé desce o monte Horeb, etc...

11. — Esta foi a maior, a mais sublime e especial das sessões espíricas ou espiritualistas feitas na Terra, prestigiada e realizada por Deus vivo, em espírito e verdade, por Jesus em pessoa, por Moisés, por Elias, por Pedro, Tiago e João, isto é, pelos mais eminentes espíritos do universo e pelos primeiros discípulos do Divino Mestre. Foi ainda a que se caracterizou pela maior variedade de dons espirituais ou de mediunidades: materialização de Deus em forma de nuvem lu-

minosa, como costumava aparecer a Moisés; voz direta da Divindade falando aos homens; a Transfiguração gloriosa de Jesus; a materialização de Moisés e Elias, visível a Pedro, Tiago e João que os veem, ouvem, sentem e entendem; os espíritos de Moisés e Elias conversam com Jesus sobre a sua próxima glorificação no Calvário. Constitue a maior prova da existência da alma unida e separada do corpo e de sua imortalidade e a certeza absoluta da volta dos espíritos dos mortos para confabularem com os vivos. Deus surge no cenário espiritualizante para enaltecer a eminente personalidade de Jesus, ordenando que fôsse Êle ouvido por todos os homens, sem exceção alguma. Não obstante a ordenação imperiosa da própria Divindade, são poucos que gostam de ouvi-lo, aceitá-lo e segui-lo em espírito, verdade e vida. Entretanto, são muitos os que querem subverter a ordem dos valores e da hierarquia espiritual e com requintada petulância chegam a querer ditar leis e sabedoria ao próprio Criador, Legislador e Juiz do universo inteiro.

Esta é a religião real, o culto espiritual natural, puro, simples, verdadeiro, legítimo ensinado e praticado por Deus vivo, por Jesus, por Moisés, por Elias e praticado, vivido pelos primitivos discípulos do Mestre—Pedro, Tiago e João e que visa diretamente o seu grande objetivo: o processo educacional completo do homem como espírito imortal.

Esta é a Igreja viva de Cristo e da Divindade: assembléia de Cristãos com objetivo superior de educação espiritual. É a comunhão espiritual pura e única, o intercâmbio entre os espíritos encarnados e desencarnados, o convívio, o colóquio, a permuta de idéias, a associação dos que amam e seguem realmente o Cristo de Deus. É a grande revelação Divina aos homens da Terra, repetida no dia de Pentecostes e sempre entre os Cristãos. É o meio pelo qual os Espíritos Santos revelam aos homens a vontade de Deus, ensinam a sabedoria Divina, o conhecimento maior da vida espiritual em eterna renovação.

Constitue a prova concreta do interêsse que os espíritos superiores teem sempre pelos destinos humanos.

Esta foi a sessão magna, um trabalho especial, diferente dos comuns feitos pelos homens, porque teve como presidente a própria Divindade, como guias —

Moisés e Elias, como mediador entre o Céu e a Terra o próprio Cristo e como assistentes — Pedro, Tiago e João.

Foi êste o primeiro batismo do Espírito Santo, praticado, honrado e glorificado por todos os reais valores do Cristianismo vivo, em espírito, verdade e vida, seguido, imitado e exemplificado como modelo vivo pela Igreja nascente, pela Sociedade Cristã de todos os tempos e lugares.

A Revelação foi sempre o meio utilizado pela Divindade para ensinar e guiar os homens pelos caminhos espirituais da Vida Eterna. Encontramo-la tanto no Velho como no Novo Testamento, tanto nos pequenos como nos grandes profetas, tanto nos apóstolos, como nos discípulos, em todos os tempos e lugares. Ninguém poderá trancar a porta de ligação do Céu com a Terra e interromper o intercâmbio entre os Espíritos Superiores e os homens de boa vontade. Ela é a Escola Divina, o intercâmbio espiritual, a solidariedade e fraternidade humana, a Caridade legítima. Não há homem capaz de estancar a fonte Divina de informações que desce do Céu para a Terra através dos canais espiritualizantes, dos dons espirituais. Só um ignorante poderá duvidar disto e sómente os loucos poderão pretender tal absurdo. A Revelação é obra Divina, é Lei de Deus, é fonte inesgotável.

O Cristianismo é laboratório de virtudes curadoras que desenvolve os dons espirituais pelos quais se processa a Revelação.

12. — «Êste é meu Filho muito amado: Ouvi-o.»

A voz de Deus, o verbo Divino, o pensamento do Altíssimo não são iguais aos dos homens: são fôrça, poder, ação, trabalho, vida, movimento, realização, renovação, ensino, ordem.

Deus vivo, concisão e precisão inigualáveis, ensina aos homens, por intermédio de Pedro, Tiago e João o valor imenso e insuperável de Cristo, a sua extraordinária autoridade moral e espiritual, a sua missão espiritualizante da humanidade, determinando que todos o ouvissem, isto é, que guardassem, praticassem, exemplificassem, vivessem os seus ensinamentos e o imitassem como modelo vivo, como exemplo. O Divino Mestre não é como qualquer de nós, como qualquer um do povo, doente, ignorante, incapaz, infeliz.

Ele é o Embaixador celeste e excelso da própria Divindade, o Missionário verdadeiro, o Evangelho vivo, a personalidade eminentemente Divina e espiritualizada, o super homem que encarna a sabedoria, a luz, as virtudes e o poder do Altíssimo. É o que se revelou na apoteose do Tabôr.

13. — Diante de Deus sómente Jesus, Moisés e Elias conseguem ficar de pé. Pedro, Tiago e João caem por terra, de bruços, atemorizados e atordoados como aconteceria a qualquer um de nós, nas mesmas condições.

14. — «Pedro, admirado, sugeriu: Senhor, melhor seria vivermos aqui; se quiseres faremos três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.»

Jesus nada respondeu. A sugestão de Pedro era pura e simplesmente a ingenuidade bem característica do homem terreno, estranha e contrária aos desígnios do Altíssimo. Moisés e Elias eram espíritos desincarnados, estavam no Reino de Deus e não precisavam de tendas no reino dos homens. Jesus estava prestes a deixar êste e partir para o outro mundo. Todos tinham suas tarefas de movimentação e não podiam ficar retidos em casa.

Deus então se fez ouvir e ver e falou como Deus, com a maior autoridade do mundo material e espiritual, como Soberano do Universo, como Senhor absoluto da vida, como Chefe Supremo de todos os reinos e para toda a humanidade.

Não obstante as limitações naturais de Pedro, uma cousa se deve salientar como característica do seu nobre espírito: se lhe faltou compreensão no momento histórico, provou o seu imenso amor por Jesus, por Moisés e por Elias, bem como o seu grande desprendimento, a sua singular renúncia, oferecendo-lhes tudo e nada exigindo para si e para seus companheiros. Desde o princípio dedicou-se de corpo e alma ao Mestre e à sua Doutrina, aceitando-a e seguindo o Senhor com dedicação fóra do comum. Era sincero.

15 — «Levantai-vos e não temais.»

O homem sempre teve medo dos fenômenos espirituais. O soldado mais valente, o general mais destemido, o mais corajoso dos mortais enfrenta, com coragem incrível, todas as dificuldades do caminho e todos os seus inimigos, mas treme de medo diante de qualquer manifestação de ordem espiritual. Os Judeus, apavorados, pediram a Moisés que subisse,

só, ao monte Sinai, com receio de morrerem diante do Altíssimo. Paulo de Tarso, valente centurião, ao cair do cavalo, na estrada de Damasco, se humilha timidamente diante da figura imponente do Senhor. Pedro, Tiago e João caem por terra, de bruços, diante do Altíssimo. João Evangelista, na revelação de Patmos, cai por terra, de bruços, diante do Divino Mestre, resplandescente de glória. Jeremias, cai de bruços, por terra, completamente desfalecido, diante de Miguel e de Gabriel.

E' ainda de medo do desconhecido, do inhabitual que o povo foge dos Centros Espíritas. E' ainda de medo que o povo exagera o poder, a invencibilidade presumida dos espíritos das trevas, simples alienados mentais e dignos de compaixão, promovidos compulsoriamente a demônios, inimigos eternos da Divindade, com capacidade para iludir e destruir o mais valente dos mortais. E êste fenômeno do medo não é típicamente só dos homens encarnados, também os espíritos desencarnados o sentem, necessitando mesmo a criação de cursos especiais de encorajamento para os momentos mais difíceis que tenham de viver.

16. — «Não digais a ninguém o que se passou até que eu ressuscite dos mortos».

A advertência de Jesus tinha a sua razão de ser: o povo ficaria amedrontado diante dos fenômenos do Tabôr. Teria medo de Jesus e tal crise espiritual poderia prejudicar a missão do Senhor. Por determinação Divina o Mestre teria que provar o cálice amaríssimo do Calvário, predito pelos profetas. O que aconteceu aos discípulos aconteceria, com maior razão, a todo o povo Judeu.

17. — Por que Jesus levou sómente Pedro, Tiago e João e não conduziu os demais discípulos para assistirem a maravilhosa Transfiguração?

Para uma lição, para uma prova dêste porte é exigido preparo prévio, pois muitos são chamados mas poucos são os escolhidos. Moisés foi o maior estadista, legislador, escritor e médium (profeta) do povo Judeu e já havia falecido há cerca de 1.500 anos antes das gloriosas manifestações do Tabôr. Elias, o mais puro e o maior profeta dos Israelitas, tanto que mereceu a honra insigne de ser levado ao Céu em carro de luz, já estava no Reino de Deus há mais de 1.000 anos. Pedro, Tiago e João iriam desempenhar trabalho

de relêvo na divulgação do Cristianismo nascente, depois da ressurreição do Mestre. Assim, compreendemos, que feitos como êste exigem qualidade e não quantidade.

18. — Por que não temos mais a repetição de tais fatos?

Deus não gosta de repetí-los. Muitos olhos desejaram ver e muitos ouvidos desejaram ouvir semelhantes revelações, mas Deus e os Espíritos Superiores não teem tempo para perder e não estão a disposição de qualquer um, a toda a hora. Não passamos ainda de espíritos infantís, de crianças barulhentas, emburradas e irreverentes nos quadros da vida espiritual, diante dos Espíritos Milionários e dos Milionários de Espírito. A visão do Altíssimo é reservada aos Espíritos puros. Boa vontade já é algum merecimento mas não é todo o merecimento. Fatos como êste são marcos de luz assinalando uma nova era para a humanidade e não se repetem.

Estevão o primeiro martir do Cristianismo, indica uma das causas: «Homens de cerviz dura e incircuncisos de coração e ouvidos, vós resistís sempre ao Espírito Santo; assim como foram vossos pais, assim sois vós também. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Mataram até os que prediziam a vinda do Justo do qual vós agora fostes traidores

e homicidas; vós que recebestes a Lei por Ministério dos anjos e não a guardais.» (Atos, VII, 51 a 53).

19. — A grande lição para Pedro, Tiago e João, isto é, para todos os homens, foi a consolidação da fé viva, da crença pura, da confiança ilimitada em Deus, em Jesus, nos Espíritos Superiores e Santificados, na existência e na imortalidade da alma, prêsa, mas distinta do corpo, na volta e na comunicação dos espíritos dos mortos com os vivos e no interêsse que os Espíritos Superiores continuam tendo pelos destinos humanos. Viste? Vi. Ouviste? Ouvi. Creio porque vi e ouvi, senti e entendi. Confio porque existem realmente. A morte não existe: nós somos imortais.

Isto não é uma hipótese, é a verdade; não é ilusão dos sentidos, são factos concretos, positivos, científicos; não é teoria abstrata, meramente acadêmica, é realidade objetiva, real; não é loucura, é a revelação de Deus vivo, do espírito imortal aos crentes sinceros que dedicam a sua vida, que consagram o seu tempo estudando, aprendendo, ensinando, praticando, vivendo, exemplificando a Sabedoria Divina revelada aos homens e exemplificada pelo Divino Mestre.

Olimpia, 5/12/1955.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

27) Um conhecido de meu pai arranjou serviço para mim numa portararmarinho, à entrada oeste do Mercado Santa Bárbara. Era uma agência de «jogo de bicho» e de venda de bilhetes de loteria... Seu dono, Sr. Carlos, recebeu-me com reservas, perguntando coisas comuns que se perguntam a quem vai se empregar.

28) Fiquei em poucas horas ao corrente do preço das bugingangas à venda, e do mecanismo do jogo do bicho.

29) Parece que êle passou a gostar de mim em poucos dias. No sábado, mandou-me pagar as dezenas de bilhetes de Loteria, fornecidas durante a semana. E deu-me dinheiro a mais (de propósito?) para o pagamento.

30) Cheguei à Agência, entreguei tudo ao sr. Adolfo, o banqueiro. Êle contou e chamou-me:

— Você está na tenda do sr. Carlos? Êle mandou dinheiro demais para pagar os bilhetes. Aquí está o excesso...

31) De volta, entreguei o excesso ao sr. Carlos:

— Este dinheiro foi de mais, e o sr. Adolfo devolveu.

32) Sr. Carlos olhou-me, feliz, sorriu e contou-me:

— Eu tive aquí um empregado, antes de você, que era muito ladrão. Este furo aquí, na gaveta, foi êle que fez para roubar as pratas da mercadoria vendida, cujo dinheiro se põe aquí, pelo furo de cima. Ele não entregaria este di-

nheiro. Você é honesto. Vamos ser amigos. Amanhã, domingo, você vai almoçar comigo, em minha casa, vai?

33) Fui, com efeito, almoçar com êle. Apresentou-me à esposa e à filha. De lá saí a noite, enamorado da filha e ela de mim.

34) A filha mais moça casara-se com um pistonista da *Lira de Apolo* e não era feliz. Um casamento contra a vontade dos pais. A moça fugiu de casa para casar. Mágua geral para os pais, para a irmã mais velha.

35) Ia quase diariamente ver a namorada. Assobiava mal a valsa, *Isaura no Bosque*, e ela corria à cerca do quintal. Mas, não lhe bastava a conversa. Ela exigia cartas amorosas, apaixonadas. Eu, muito bisonho sem saber redigir, tive que comprar o *Secretário dos Namorados*. Copiava dali as cartas mais veementes, tal a minha falta de inspiração, de idéias, e dava-lhes em mão. E em mão recebia as respostas.

36) Uma feita, ela, que também conhecia o livrinho mágico, disse-me, sorrindo-se:

— Muito bonita, sua carta de amor! Mas, para poupar-me tempo e trabalho de responder-lhe você poderá ler a resposta à página X...

37) Foi aquela a nossa última correspondência.

* * *

38) Fiquei perito no mecanismo de jogo de bicho. Principalmente nos *descarregos*. Dinheiro depositado, por exemplo, nas dezenas do jacaré, eu igualava as quantias e punha no grupo. Por exemplo: Mil réis em cada dezena multiplicava quatro mil réis no grupo. Ora, a dezena era paga a oitenta mil réis. Os quatro mil réis no grupo era oitenta e oito mil réis. Pagava os oitenta da dezena e o restante...

39) Meu ordenado era vinte e cinco mil réis, que eu dava em casa. Com os *descargos* aumentava, sempre, a fêria...

40) O patrão, sempre que os negócios, durante a semana, lhe corriam mal, entrava, aos sábados, numa carraspana doida. Começava cêdo, depois do almoço, tomando copazios de vinho tinto, que eu ia comprar no armazem mais próximo. À noitinha, estava borracho.

41) E não ia para casa. Ia comigo para a esbornia. Levava-me ao *basfond*

da cidade, iamos gastar o restinho que ainda lhe ficara dos maus negócios da semana.

42) Com êle, e em sua companhia, perdi a pureza e a ingenuidade, que ainda possuía, a despeito de tudo, desde minha meninice...

* * *

43) O Barbosa e o velho Valente, — aquêle seu cunhado e êste um tipo de gentleman, espigado, vestido com apuro, embora roupa remendada, velhissima, loiro, espigado, barba fechada, andar solene, olhar penetrante e hipnotizador — eram os dois bilheteiros que mais prejuizo e mais aborrecimentos lhe davam.

44) Uma feita, o Barbosa me disse, capciosissimo: «Eu quero acertar com você uma coisa. No próximo sábado, eu sei que o Carlinho vai beber. Quando êle estiver bebendo, eu chego e presto conta a você. Você pega o dinheiro e põe na gaveta, dizendo, depois, a êle que eu paguei certo».

45) E é certo que o Senhor vai pagar?

46) Êle não ia pagar certo. Ia tapiar. Se eu fôsse na tapiação, quem passaria, depois, por ladrão, era eu...

47) No próximo sábado, assim êle chegou, recebi o dinheiro e passei-o, incompleto, faltando muita coisa, do senhor Carlos.

* * *

48) O *Duque* era um criolinho espartissimo, que vivia de expediente e de furtos.

49) Um dia, chegou com dois relógios, um trabalhando e outro quebrado. Vendeu-me o primeiro por dois mil réis e deu-me o outro. Comprei o relógio e aceitei o outro, sabendo de sua procedência.

50) E, depois, quando me apareceu o dono dos relógios e uma autoridade, dizendo que êle, o larápio, confessara na policia onde estavam os relógios. Neguei tudo.

51) E, depois, mandei consertar o relógio quebrado e vendi-o por bom dinheiro.

52) Ora, eu não roubava. Mas, entrei nêsse negócio ilícito. Que classificação merecia eu?

* * *

53) Numa festa de 2 de Julho — a maior festa cívica popular da Bahia — ofereceram ao sr. Carlos um *carroussel* de aluguel. Êle alugou-o e entregou-me. Eu me fiz o diretor e cobrador da brincadeira de cavalinhos durante os quatro dias. Procedi com muita agilidade e com muito escrupulo na cobrança. E captei a simpatia e preferênciã da freguezia, que era constante, incessante.

54) Não sei quanto se apurou na brincadeira. Sei que só me coube os vinte e cinco mil réis que o sr. Carlos tinha depositado de caução. E com o trabalho, ainda, de levantar a caução na Intendência (Prefeitura).

* *

55) Na festa seguinte, do Senhor do Bonfim, recusei-me a tomar conta de sua barraca. Mas, êle insistiu tanto, que eu acabei concordando. Aí ficamos uma semana inteira. Eu só, superintendendo o negócio da barraquinha: bugigangas religiosas, bijouterias, guloseimas...

56) Terminada a festa, não soube, também se êle teve lucro ou prejuizo. Sei que nada me coube, afóra o dinheiro que retirava para a despesa de transporte, para as refeições e guloseimas.

* *

57) Sr. Carlos e o Firmino de Brito — o cavalheiro que me arranjava o lugar, — haviam compreendido que meu pai não gostava de graçolas, de coisas picantes, de licenciosidade. Era, mesmo, áspero e duro a respeito de certas brincadeiras, de certas liberdades pesadas.

58) Uma tarde, meu pai fôra à agencia, apanhar comigo um dinheirinho. Lá estava o Firmino que, assim viu o velho, lhe atirou uma brincadeira pesada, licenciosa. Sr. Carlos, pactuando com êle, riu-se muito. Meu pai enfiou-se. Rá-

pido e intransigente, voltou-se para mim, dizendo:

59) Vista o paletó e vá para casa. Você não se empregou para ouvir porcarias. Já lhe bastam as vezes que você acompanha seu patrão nas suas bebedeiras, a lugares impróprios para sua idade. Êle não lhe paga para isso. Nem por dinheiro nenhum você se empregaria para tanta pouca vergonha!

60) Aquilo foi água na fervura.

Sr. Carlos olhou-me sério e grave, perguntando:

— Você vai mesmo?

— Claro que devo ir. Meu pai tem razão.

61) Foi assim que eu deixei o melhor empreginho de minha meninice; que rompi com um grande namoro; que perdi a amizade e a companhia de um patrão sem dignidade e sem critério.

* *

62) Uma tarde, eu subia a *Ladeira do Taboão*, a caminho de casa. Dei de cara com o sr. Carlos. Estava bêbedo, num estado lastimável, sujo, aos tombos.

63) Assim que o vi:

— Sr. Carlos? O senhor assim?

64) Assim, Leopoldo, assim: bêbedo, desgraçado, com fome! Sem vintém e com muita fome!

65) Levei-o ao *café* próximo, fi-lo beber uma chicara de café quente com limão e depois, comer substancioso lanche...

66) Foi a última vez que o vi, que soube dêle.

* *

67) Sua filha, minha ex-namorada, frequentou, depois de casada, com o marido, — aliás, seu primo — minha residência. Êle, o marido, fôra até costureiro numa sapataria — a Sapataria Esmeralda — que eu tive à *Ladeira do Taboão*.

O Homem procura, inútilmente, a felicidade. Busca-a em tudo, e só encontra desenganos e decepções... Nos prazeres grosseiros da carne, em momentos fugazes de inebriamento dos sentidos, julga tê-la encontrado, porém, ela sempre arredia, dêle foge. Entrega-se a toda espécie de divertimentos que a civilização lhe concede, mas de tudo isso apenas fica o ressaibo da tristeza e da amargura... E continua a ser a felicidade um ponto inacessível, em que o Homem emprega todos os meios para a alcançar, porém em vão. Não compreende o verdadeiro significado da palavra — felicidade. Não sabe que ela é um sentimento puro, que não comporta baixezas. Por isso o Homem não a compreende... — L. DANTAS.

Crônica Estrangeira

Congresso Espírita Internacional

O último Congresso Espírita Internacional reunido em Amsterdam, de 11 a 18 de setembro de 1954, elegeu o novo Comité Executivo da Federação Espírita Internacional, que coordena e realiza estas reuniões trienais. Tendo a Casa dos Espíritos, da França, se interessado em realizar o próximo Congresso, em 1957, em Paris, o plenário acolheu com satisfação a idéia e aprovou-a. Assim, por ocasião do ano do Centenário do Livro dos Espíritos, deverá se realizar em Paris um grande conclave espírita internacional.



Dois Fenômenos Supranormais

Por José Martin — De «Estudos Psíquicos»

I

O CASO DE AREQUITO

Um domingo, 1 de Março de 1954, ia caminhando por uma rua central de Rosário, quando vinha em direção contrária o meu amigo sr. Vicente Peronsa. Mal nos cumprimentámos. Deteve-me sorrindo, para me dizer que, sabendo o interesse que eu tinha pelos fenômenos metapsíquicos de toda a espécie, pensou em mim, quando lhe chegaram notícias de Arequito (localidade ao sul da Província de Santa Fé), onde estavam sucedendo coisas inexplicáveis e, tendo que visitar uns parentes que residiam próximo da localidade, oferecia-se para me acompanhar ali. Aceitei a proposta. Dois dias depois, 3 de Março à tarde, partimos de Rosário.

Em casa do Sr. Bia

Passadas algumas horas chegámos à quinta onde se produziam os fenômenos, mas o seu proprietário, o sr. Bia, estava ausente.

Atendeu-nos sua esposa. Respondendo às nossas perguntas, disse que em 20 de Fevereiro último começaram a notar

coisas raras. Com efeito, nesse dia ouviram várias pancadas nas portas. Ao abri-las, não viram ninguém.

Na casa, vivia um casal e três filhos: dois gêmeos de onze meses e um menino de quatro anos. Além disso, havia uma criadita chamada Maria Mercedes Pérez, a quem chamavam carinhosamente «Pinina». Esta tinha treze anos e fôra para ali cinco meses antes. Trabalhava só meio-dia, mas dormia durante a noite.

Os «raps» começaram na ausência da senhora; porém, alguns dias mais tarde, achando-se estas pessoas em casa, ouviram-se duas pancadas na porta e «Pinina» levantou-se assustada.

Noutra ocasião, a criança de quatro anos viu a mão de alguém empurrar uma porta.

«Pinina» tinha sonhos estranhos. Às vezes, enquanto dormia, dizia em alta voz o trabalho que realizava durante o dia. Outras vezes, ao surgir um fenômeno, batia na cara com as mãos. Entre outras coisas, a senhora de Bia mencionou-nos a queda de um pedaço de ladrilho do tecto.

Vieram muitos objetos do interior da casa, em movimento. Alguns deram voltas no ar, formando círculos. O deslocamento era rápido. *Nunca viram o começo da partida, isto é, o começo do movimento.*

Os fenômenos registavam-se ao meio-dia e durante a noite.

Ninguém viveu antes naquela casa e na família não houve falecimento algum.

Despedimo-nos da senhora de Bia e ficámos de voltar à noite para conversar com seu marido.

Em casa dos Pais de Pinina

Dali fomos ao domicílio do sr. Pérez. Entabulámos conversa com êle e sua esposa. Mais tarde chegou a menina, que estava com eles desde o último sábado (28 de Fevereiro), data em que o casal Bia a despediu com medo dos fenômenos.

Os pais estranharam as coisas que diziam da menor, visto ali nunca ter sucedido nada. Nem sequer falava adormecida. E disseram-nos que tinha sido a primeira vez que passava as noites fôra da casa paterna.

Falámos então com a pequena. Dis-

se-nos que noutra sítio onde havia trabalhado (casa do sr. Barraza) caíam pedaços de barro seco perto dela. Como isto a preocupasse, disseram-lhe que eram garotos que lhos atiravam e com isso se conformou, embora nunca visse os atiradores.

Ultimamente, os fenômenos produziam-se, quando ela estava mais distraída.

Não disse também que o irmão do sr. Bia vira dias antes um homem vestido de branco, acompanhado de um cão.

De novo em casa do senhor Bia

Ao chegar a noite, dirigimo-nos à casa do sr. Bia. Já lá estava este, a esposa e as criaturas.

Entre os fatos ocorridos, o casal mencionou os seguintes:

Da meia-noite à meia hora da madrugada as pancadas nas janelas diminuíam de força.

Alguns objetos saíam disparados, batiam na parede e voltavam ao ponto de partida.

Outros utensílios moviam-se no ar, descrevendo curvas paralelas ao chão. Um jarro que se encontrava num aparador fechado apareceu fóra d'êle. O próprio Bia, deitado, sentia cócegas na cara e nos pés.

Noutra emergência bateu-lhe na nuca um chocalho de criança. As portas do roupeiro abriram-se sem ninguém lhes tocar. Uma bola de borracha mudou de lugar por si só. Pequenos projecteis bateram no vidro da janela sem o quebrar. Um vaso de desperdícios entrou de surpresa na cozinha, esparramando o conteúdo. Um garfo levantou-se de repente da mesa e caiu no chão. Nenhum objeto de vidro foi deslocado. Um pequeno recipiente mudou de lugar esvasiando o líquido.

As pantufas que estavam debaixo da cama mudaram de lugar. Pinina notou uma luz fora da casa e debaixo da cama viu um pássaro à solta, que logo desapareceu.

Outro dia a pequena deu um salto e caiu sentada, como se nela tivesse agido uma força exterior.

Certa manhã, ao levantar-se reparou que o colchão estava muito saído da cama, como se alguém o tivesse puxado.

Uma vez, estando adormecida, perdeu as anáguas. Quando acordou viu-as estendidas debaixo do corpo.

A princípio, quando apenas eram

pancadas nas portas e janelas, o sr. Bia avisou a polícia. Mas, apesar de vários agentes vigiarem, escondidos, no campo que rodeia a casa, não viram bater e, contudo, lá dentro, parecia que estavam chamando de fóra.

Os donos começaram a ver que os fenômenos sucediam quando Pinina estava presente, o que foi confirmado ao dormir em casa dos pais, visto nessas noites nada suceder. Em compensação, de dia, quando ela chegava, tudo começava de novo.

Ao ver que em Chabás, localidade próxima de Arequito, havia um sacerdote que por meio de benção curava «alucinações», decidiram visitá-lo. Em 24 de Fevereiro o eclesiástico benzeu os a todos, inclusive a Pinina. Nesse dia voltaram a casa, convencidos de ter vencido os desconhecidos perturbadores, mas os fenômenos continuaram e esse dia foi o pior de todos.

Dois dias depois, em 26 de Fevereiro cessaram de produzir-se. Contudo, o casal Bia, temendo que voltassem a repetir-se, resolveu despedir a pequena no dia 28 de Fevereiro (fim do mês), três dias antes da nossa visita.

II

EM ROSÁRIO

Em princípios de Maio de 1954, isto é, dois meses após a viagem a Arequito, soube, por intermédio do diário «Rosário» que numa vivenda do bairro Azcuénaga caíam pedras e outros objetos, sem que a polícia conseguisse individualizar os energúmenos. Dizia, entre outras coisas, o periódico:

«A história começa num aprazível domingo de Março último. Eram aproximadamente 23 horas, quando Paulo Traversi, argentino, de 38 anos, pintor de obras, sentiu ruídos estranhos que repercutiam no tecto de um compartimento da sua casa, sita na Avenida Pelegrini, 5250. Caíam coisas pesadas, como se fossem pedras. E, com efeito, eram pedras atiradas misteriosamente, com intervalos regulares.

«Traversi é um homem nervoso. E como o fato voltasse a repetir-se nos dias seguintes, entrou em estado de fácil irritabilidade e, assim, a queda das pedras e outros objetos contundentes sobre o telhado da casa, como ferraduras e sarra-

fos de madeira, determinaram nêle um processo psicológico que obrigou os seus familiares a chamar um médico psiquiatra.

«O diagnóstico foi desolador: Traversi apresentava sinais iniludíveis de perturbação mental, que se foram manifestando à medida que passavam os dias, em frases incoerentes e alucinantes, seguidas de frequentes arranques violentos, que se agravaram, porque as pedras caíam sistematicamente no telhado da casa.

«António Midea, vive ao lado de Traversi e também sofreu as consequências da actividade «fantasmal» e no seu telhado também se encontram pedras atiradas.

«No bairro já chamam «casa encantada» ao lar de Traversi.

A sua sogra, D. Anselma de Giménez, disse-nos que, na última sexta-feira, a intervalos regulares, comprovaram a queda de mais de trinta pedras no telhado, algumas muito grandes.

«A denúncia que a família Traversi fez às autoridades policiais, deu origem à investigação do caso desde a sua origem, mas até hoje ainda não foi possível esclarecê-lo».

Em casa do sr. Traversi

Ao ler o citado vespertino, pensei que se tratasse de um genuíno fenómeno de «chuva de pedras», sobretudo tendo em conta a existência de uma pessoa que perdia fôrças, à medida que se produzia. Portanto, resolvi ir à casa e lá fui num domingo de manhã.

A casa era habitada pelos esposos Traversi e quatro filhos: Elvira, de 12 anos; Ester, de 9; Norma, de 7; e Beatriz, de 3.

A senhora de Traversi mostrou-me o telhado coberto de pedaços de ladrilho, carvão, sarrafos de madeira, etc. Dali também se viam os que estavam na casa do visinho, mencionado no diário.

Disse-me que as pedras começaram a cair dois anos antes, mas com pouca frequência: um ou dois dias por semana. A frequência dos projecteis começou a intensificar-se a partir de Março, quando fizeram a denúncia à polícia.

Quase todos os visinhos foram inquiridos, mas nenhum deu qualquer pista. As pedras continuavam a cair, de dia e de noite, sem fazer caso das indagações, mesmo na presença das autoridades.

Isto levou Traversi a tal estado, que o médico aconselhou-lhe electrochoques. Fizeram-lhe dez aplicações: seis num Instituto particular e quatro pouco depois, de menor potência, no Hospital de Alienados, de Rosário.

Para observar a marcha dos acontecimentos, eu ia até lá, uma vez por semana e nessas visitas periódicas notava sempre um aumento progressivo na intensidade e periculosidade dos fenómenos.

As pedras começaram a surgir de diferentes direcções. O número das que caíam no pátio aumentavam. Um dia, mal cheguei ao local, disseram-me: «Vem mesmo na hora para ver o sinal que deixou o cascalho». E mostraram-me a porta da casa de jantar. Um pedaço de ladrilho tinha caído nela com tal violência, que deixou um pouco de pó aderido à madeira. Se a porta estivesse aberta, facilmente teria atingido algum membro da família, pois todos lá estavam.

Às vezes, sem haver sinal de vento, corria no pátio uma areia fina ou partículas de diversas substâncias existentes nas imediações, que chamavam a atenção dos moradores da casa.

Uma pedra entrou na casa de jantar, quando estava vazia, e colocou-se na parede oposta à porta, num sítio alto, como se tivesse vindo do pátio e não do exterior da casa. Outra penetrou e colou-se num móvel da mesma sala.

Na sexta-feira, 21 de Maio, perguntei se tinham notado mudança de posição nos objetos e responderam-me que não. Também lhes manifestei a minha estranheza por nenhum vidro ter sido partido.

Sábado 29 de Maio

Uma semana depois, dia 29, de manhã, voltei lá e soube várias novidades.

Alguns objetos haviam mudado de lugar: um relógio apareceu sobre o guarda-fato e um velador e uma moldura estavam no chão.

Os vidros das portas e janelas estavam quase todos partidos. E durante a semana caíram pedras.

A senhora mostrava-se deprimida. Seu marido encontrava-se na cama, profundamente abatido, a ponto de ser depois internado no asilo de alienados de Mercedes, província de Buenos Aires.

No mesmo sábado, à tarde, assisti a uma sessão espírita dirigida pelo Sr. Ni-

colau Mota. Antes de começar, falei no caso da família Traversi e pedi às sensitivas Sr.^a Maria E. O. de Giménez e à menina Elisa Ruffini fossem à dita casa, afim de ver se percebiam, mediante a sua mediunidade, alguma indicação útil, pedido que aceitaram, ficando de lá ir na semana seguinte.

Aberta a sessão, Elisa (vidente) disse que estava presente o causador dos fenômenos. Depois a Sr.^a de Giménez afirmou que a entidade se ia manifestar por seu intermédio. Estabeleceu-se então um diálogo entre o diretor e a entidade que, passado um instante, confessou o seu erro e prometeu emendar-se.

Eu não dei muita importância à sessão. Considerei a manifestação como resultante de atividade anímica, determinada pelo meu relato.

Na terça-feira seguinte o Sr. Mota telefonou-me dizendo que lhe parecia que as coisas caminhavam bem. Na sexta-fei-

ra, 4 de Junho, fui outra vez a casa de Traversi e grande foi a minha surpresa ao ver que as pedras tinham deixado de cair desde a tarde de sábado, dia da sessão.

Suspensa a causa dos seus transtornos, o Sr. Traversi melhorou rapidamente e uma semana depois voltou às ocupações habituais. Mas, dois meses depois da desapareição destes episódios, a filha Ester, de 9 anos, começou a sofrer desvanecimentos de origem epiléptica, segundo o diagnóstico médico.

Em Agosto de 1955 visitei de novo a casa. O Sr. Traversi estava bem de saúde (aumentara alguns quilos) e trabalhava normalmente. A sua filha continuava com os ataques que duravam algumas horas, durante as quais dizia palavras e frases incoerentes.

Quanto às pedras, desde o dia 29 de Março não tinham voltado a perturbar a tranquilidade da modesta família.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 7 de Julho de 1956.

Às catorze horas, abre o Presidente a reunião, fazendo a prece inicial e mandando ler, pelo secretário, a Ata da reunião anterior.

Expediente — E' lido um telegrama do Representante da Federação Espírita de Pernambuco, General Severino Cunha, justificando sua falta, por motivo de ausência da Capital.

Justificação de faltas — São justificadas as faltas dos Conselheiros: Carlos Jordão, Aurino Souto e Atlas de Castro.

Comenta o Presidente o andamento do programa para as comemorações do Centenário d'«O Livro dos Espíritos», em 1957, confessando se satisfeito, pelo progresso alcançado.

Comunica o Conselheiro Dr. Miranda Ludolf estar enfêrmo o representante da Liga Espírita do Distrito Fede-

ral, resolvendo o plenário fazer visitar, por uma comissão, o companheiro doente.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães comunica o recebimento de uma mensagem das Mocidades Espíritas Cearenses, exaltando o esforço da FEB, do CFN, da Federação Cearense e das sociedades locais pela unificação do Espiritismo.

Rio Grande do Norte — O representante, Conselheiro Prof. Ismael Gomes Braga, dá notícia da inauguração na séde da Federação que representa, da bibliotéca «João Anselmo» e do Gabinete Dentário «Martins Arruda». Notícia a renovação da diretoria da Federação e haver a mesma comemorado brilhantemente, o dia d'«O Livro dos Espíritos», em Abril último.

Ocupou-se em seguida, o Conselho, demoradamente, no exame de assuntos de interêsse doutrinário e, com especialidade, da publicidade dos adversários do Espiritismo, na imprensa local.

Às quinze horas e trinta minutos, feita pelo representante do Rio Grande do Norte a prece final, encerrou o Presidente a reunião.

Obras mediúnicas · recebidas pelo
médiu Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Pão Nosso
Emmanuel
Voltei
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.^a edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço : cr.\$ 15,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.^a edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. \$ 15,00, inclusive porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas europeas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	„ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro



